

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 99	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE SETEMBRO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

## AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento — GADO PASSANDO O RIO, SCENAS DO RIBATEJO.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicados e a publicar n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis — o jornal só 120 réis.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Convento de Jesus, de Setubal, BRITO REBELLO — Ponte Caes na cidade da Praia, ilha de S. Thiago, B. — A Avenida da Liberdade, R. — O nosso supplemento, Gado Passando o Rio, Scenas do Ribatejo, P. — Actualidades Scientificas, Novo Manometro de Emilio Dias, F. BENEVIDES — Sapatos de Defunto, LEITE BASTOS — Publicações.

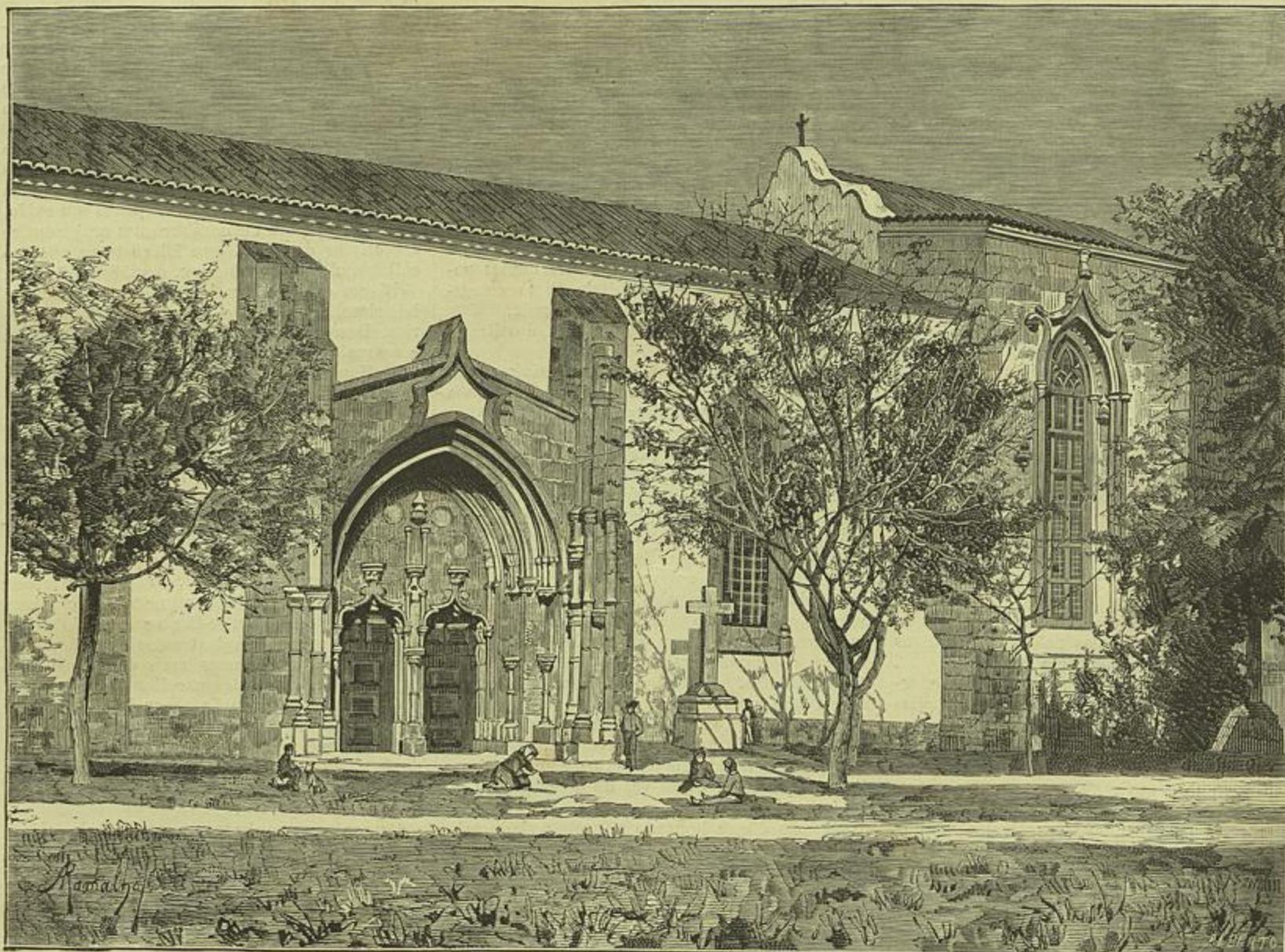
**GRAVURAS.** — Setubal, Convento de Jesus—Vista interior da igreja do Convento de Jesus—Africa Portugueza, Cabo Verde, Ponte Caes na cidade da Praia — Lisboa, Estado actual das obras da Avenida da Liberdade — Planta da Avenida da Liberdade —

Novo Manometro de Emilio Dias, fig. 1 e 2—Enigma — Supplemento, Portugal pittoresco, Gado passando o rio, Scenas do Ribatejo.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Começou já a estação theatral. A Trindade abriu no primeiro do mez, D. Maria abriu na noite de 17, o Gymnasio já ensaia, e S. Carlos prepara-se para começar os seus espectaculos no 1.º de outubro proximo. Entretanto, este movimento theatral que promete muito, ainda por emquanto nada deu.

A Trindade apenas apresentou uma comedia nova n'um acto, *O Ramo*, que no fim de contas



SETUBAL — CONVENTO DE JESUS (Segundo uma photographia)

não é nova, porque já se deu no theatro de D. Maria o anno passado e no Principe Real ha mais annos, mas que pareceu nova pelo agrado com que foi recebida, agrado que lhe veio do excellentissimo desempenho que lhe deram Leoni e Mello, e da traducção engraçada que lhe fez o primeiro d'estes actores, que é ao mesmo tempo um actor notabilissimo e um escriptor de muito espirito.

A Trindade apresentou esta comedia, como batedor dos *grosses nouvelles*, a *Mascotte*, a *Voyage d'agrement*, e os *Dindons de la farce*, simplesmente para mostrar ao publico o novo actor com que enriqueceu a companhia este anno, o actor Mello, o festejado comico do Gymnasio.

Mello foi muito bem recebido como tinha direito a isso o seu bom nome e o seu bello talento, e está tão bem n'aquella deliciosa companhia de comedia que a Trindade hoje apresenta, que só lamentamos que estando elle lá, não possa ao mesmo tempo estar no Gymnasio, onde era muito necessario no repertorio, e em D. Maria, onde a feição especial do seu talento moderno lhe marcou de ha muito um lugar.

O Gymnasio prepara grandes novidades, entre ellas o celebre *Divorçons* de Sardou, que não sei porque tem corrido o noticiario portuguez como sendo de Dumas filho e que está sendo traduzido por Pinheiro Chagas, uma bella garantia que o Gymnasio, entendeu dever dar ao publico, de que a peça transplantada para portuguez não perderá nada da sua graça nativa, e da sua verve torrencial.

D. Maria abobora tambem um repertorio excepcional, em que figuram as peças que ultimamente maior successo tem obtido em Paris, e começou pelo *João Baudry* de Vacquerie que ainda no anno findo arrancou á critica theatral de Paris uns elogios perfeitamente excepcionaes.

Alem de repertorio novo, este theatro apresenta-nos este anno outra novidade, um palco tambem novo.

Infelizmente esse palco é novo, mas não é moderno, e isto contrista-nos profundamente, porque perdemos completamente agora todas as esperanças de ver jámais o theatro de D. Maria, por dentro, como elle tinha obrigação de ser.

Realmente é triste, e tanto mais triste se pensarmos que essas obras deploraveis que n'estes mezes de verão se fizeram no theatro, importaram tanto ao Estado, como se fossem realmente as obras de que o theatro carecia.

O governo tendo de arranjar por dentro o theatro de D. Maria nem sequer pensou um momento que se tratava d'um theatro.

Parece que o natural, o racional, o logico era pensar n'isso primeiro que tudo.

Com a breca! Trata-se de fazer de novo o palco d'um theatro. Parece que a primeira coisa que deve occorrer aos cerebros encarregados de dirigir as obras publicas portuguezas, seria fazer o palco d'um theatro.

Pois não senhores. Ninguem pensou n'isso, e mandam arranjar o palco de D. Maria como mandariam assoalhar uma agua furtada qualquer.

Ora toda a gente sabe — n'este toda a gente, temos que abrir uma exceção unicamente para aquelles que deviam saber, e a quem se paga para isso — que nos palcos dos theatros se tem operado uma completa revolução.

A scenographia tem feito progressos enormes, e tem-se tornado parte essencial e indispensavel dos espectaculos theatraes. Os palcos carecem d'umas disposições especiaes para se prestarem ás exigencias multiplices e variadas da scenographia moderna.

Todos os palcos de Lisboa são pelo systema antigo e por isso tornam impossivel a montagem das peças modernas, que constituem os espectaculos rendosos para as emprezas e vistosos para o publico, que alimentam todos os theatros da Europa e da America.

O palco de D. Maria era um dos que, pela sua grande extensão mais se prestava a ser um palco modelo, o que no fim de tudo não era

um favor, mas sim uma obrigação visto ser o primeiro theatro do paiz.

Sempre tivemos a ingenua esperanza, de que pelo menos um dia que fosse necessario mecher n'esse palco, se trataria de o arranjar á moderna, de faser d'elle um palco de theatro, em vez d'um vasto armazem de arrecadação de scenario velho.

Enganámo-nos redondamente. O palco foi arranjado, as obras publicas gastaram com elle muita madeira e muitos *jornaes*, e deixaram-n'o exactamente como estava, peor ainda, porque, tiraram aquelle sobrado velho e carunchoso, unico refugio de todas as esperanças d'um melhoramento breve e serio.

Valha-nos Deus, e appellamos para elle porque hoje só um milagre poderá fazer, aquillo que ainda hontem podia ser feito pelo ministerio das Obras Publicas.

— O jornalismo portuguez acaba de perder um dos seus polemistas mais energicos e mais illustrados — o sr. José Maria de Sousa Monteiro, redactor do *Bem Publico*.

O sr. Sousa Monteiro era um ultramontano, um reaccionario, e quasi sósinho na brecha, sustentou sempre com uma rara coragem, e uma indomavel energia, a lucta contra as enormes hostes contrarias que engrossavam cada dia, á proporção, que os limitados soldados da sua rara fileira iam desaparecendo.

Era um espirito vigoroso, e um escriptor audaz que fez da sua penna brilhante uma terrivel e rude arma de combate.

Respeito á sua memoria!

— Quando na nossa ultima chronica nos referimos á prisão do criado do sr. Mayer, que fôra preso como ladrão do cheque dos 5 contos de réis, suspendemos o epitheto de *habil* sobre as cabeças dos policias de Lisboa, n'esse momento submergidas sob um diluvio de habeis, diligentes, intelligentes, zelosos, finos, que sobre ellas chovera quasi todo o noticiario da nossa terra.

Hoje retiramos o epitheto de Damocles, e substituímo-lo pelo de inhabeis, sem suspensão.

Ao cabo de oito dias de prisão, a policia viu-se obrigada a restituir todos os habeis aos noticiarios e o criado do sr. Mayer á sua liberdade.

Esperámos este resultado desde o primeiro dia, e todas as provas que a policia amontou como provas do crime, sempre nos pareceram provar exactamente o contrario.

E insistimos n'isso porque essas provas que illudiram tão desastrosamente a policia de Lisboa, poderiam illudir toda a gente menos policias portuguezas, constituindo como constituem um velho costume do nosso paiz.

Toda a gente sabe que Portugal é o Brazil dos gallegos.

Muito novos ainda os nossos visinhos deixam a patria e a familia e vem para Lisboa fazer fortuna. Isto de fazer fortuna é perfeitamente relativo, e elles acham uma riqueza, no fim de dez annos, mandar para a terra quarenta ou cinquenta libras.

Ora o gallego tem, além de muitas boas qualidades, uma que o compensa nas cousas da vida, da intelligencia brilhante que lhes falta — a desconfiança. Esperem lá que um gallego mande para a terra duas libras n'uma letra de cambio ou n'um vale do correio. Isso sim! O gallego não manda dinheiro senão por mão propria, mão em que tenha plena confiança, e quando um gallego tem plena confiança n'outro, pode-se ter a certeza de que esse outro, tem a vida cheia de actos de honradez e de probidade capazes de encher uma selecta da grossura d'um romance realista.

O gallego do sr. Mayer, era d'estes, e a policia enganou-se, e em vez de o levar para os lyceus, levou-o para a esquadra.

Na mão d'esse honrado e incommodado gallego encontraram-se vinte embrulhos, com diferentes designações e diferentes quantias de dinheiro em moeda hespanhola.

A policia viu n'esses vinte embrulhos o fructo do crime: quando era facilimo de ver que não passavam do fructo das economias de vinte gallegos amigos e visinhos do criado do sr.

Mayer, que aproveitavam o portador para a terra fiando-se muito mais n'elle que no correio geral.

Viu ali o criminoso, julgou que aquelle homem, que fôra tão esperto para roubar cinco contos no Banco de Portugal, era tão tolo que se deixava assim filar por qualquer Jacob: julgou muito verosimil que um homem que quer roubar cinco contos e os pôde roubar facilmente sósinho, fosse para isso organizar uma sociedade de quatro ou cinco gallegos diminuindo assim o lucro e augmentando os perigos do roubo, julgou que era facilimo qualquer d'esses gallegos apparecer com uma bella sobrecasaca e uma bella serenidade, e um bello typo correcto a receber esses cinco contos, no Banco, e mettu-o na esquadra, com applausos das galerias.

No fim ao cabo d'oito dias, vendo que fizera um fiasco enorme, teve que tirar da cabeça os louros e do calabouço o preso.

E agora, perguntamos nós, que culpa tem um pobre gallego que vae para a sua terra visitar sua mulher doente, que os *habeis* policias portuguezas tenham muito mais pressa em apanhar adjectivos falsos do que em apanhar criminosos verdadeiros?

— A hesbilhotice indigena chegou a um ponto, que nós sabemos pelos *jornaes* quando faz annos toda a gente, o que essa gente come em casa, as doenças que tem, os dias que vae passar ao campo, em summa todos os passos que dá, sem que isso nos interesse inteiramente nada nem a nós, nem aos vindouros. Pois ao passo que isto assim é, ao passo que sabemos que o sr. Silva esteve dois dias em Cintra, o sr. Costa toma banhos em Pedrouços e o sr. Santos partiu hoje para o Poço do Bispo, está em Lisboa um dos homens mais notaveis do mundo scientifico europeu, e nem uma palavra sequer a esse respeito.

Pois é verdade, está em Lisboa, onde vem estudar e fazer pesquisas nos dolmens e n'outros monumentos prehistoricos o celebre Cartailhac, o redactor dos *Materiaux pour l'histoire primitive de l'homme*, o grande archeologo, que esteve ha um anno em Lisboa no congresso de Anthropologia, e de quem o OCCIDENTE deu o retrato por esse tempo.

Se o sr. Cartailhac fosse um jockey que viesse para as corridas do Bom Successo, como todos os *jornaes* teriam já apregoadado a sua chegada a Lisboa! Mas com o diabo, é apenas um sabio.

— Partiu para Pernambuco um amigo nosso e escriptor distincto, que foi ao mesmo tempo collaborador do OCCIDENTE, o sr. Silva Ramos.

E' um excellentissimo rapaz, intelligente, activo, laborioso, um bello caracter e um bello espirito. Desejamos-lhe a mais prospera viagem e as mais completas felicidades.

— Houve no domingo ultimo regata em Cascaes, de barcos e de yachts. A concorrência foi enorme.

Ao mesmo tempo havia uma regata de outro genero na praia de Pedrouços, em vez de ser entre navios, era entre homens. E que homens! como se diz na *Senhova Angot*, uns excellentes e denodados rapazes que atravessam o Tejo com a mesma facilidade com que nós atravessamos o Rocio. O dr. Gusmão foi o triumphador n'esta regata, pois sem descansar foi de Pedrouços ao Lazareto e voltou em duas horas e tanto. Seguiu-se-lhe o sr. Araujo Assis, que fez a mesma dupla travessia em tres horas e tanto. Fallaremos mais de espaço d'estas diversões e d'estes excellentes nadadores.

— Tinha guardado de proposito para fechar esta chronica uma noticia de sensação, noticia que me podia dar umas bellas columnas de formosa prosa, mas que a falta de espaço me obriga a apertar nos limites laconicos de uma simples noticia.

Os senhores conhecem a esplendida edição de luxo das *Fabulas de Lafontaine*, illustradas por Gustavo Doré?

Perfeitamente. Pois as bibliothecas portuguezas vão ser enriquecidas com uma edição igual, Lafontaine, illustrado por Gustavo Doré,

e traduzido por todos os poetas mais notáveis contemporâneos, de Portugal e Brazil.

É ou não é realmente uma bella noticia á sensation?

O editor, que teve esta feliz e útil idea, e que a vae pôr em pratica, é um dos nossos escriptores mais festejados, mais espirituosos e mais conhecidos em Portugal, no Brazil, e em França, onde reside quasi sempre, é Eduardo Garrido, Garrido que depois de fazer peças vae fazer edições, e ao que parece com o mesmo successo.

GERVASIO LOBATO.

## CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

### I

É a cidade de Setubal uma das mais bonitas e mais bem assentes de Portugal. Desenvolve-se sobre a margem direita do Sado, que se espraia ali n'uma lindissima bahia, ou lagamar, formando o melhor porto de Portugal, depois do de Lisboa. Fica a cidade como que protegida por uma cadeia de montanhas que discorrendo n'um espinhaço magestoso, que se chama a serra d'Arrabida, vae agigantar-se sobre o Oceano Atlantico, n'um promontorio soberbo, chamado dos antigos promontorio barbarico, e hoje cabo de Espichel. (Vid. pag. 77 e 84, 3.º vol.)

Não é nossa intenção descrever agora as belezas naturaes de Setubal, nem as suas tradições e vestigios archeologicos. Não nos importa agora saber se o seu nome deriva do neto de Noé, cujos passos Florião do Campo e fr. Bernardo de Brito tão bem seguiram, se de umas palavras phenicias, celtas, ou de outra qualquer origem. O nosso intuito é falar de um dos seus principaes monumentos, o Convento de Jesus de Setubal.

Foi este começado no reinado de D. João II, sendo sua fundadora Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manuel, e por quem tanto elle, como D. João II, como os infantes e principaes fidalgos, tiveram sempre a maior consideração.

Segundo D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Geneologica*, Justa Rodrigues era filha de Francisco Rodrigues Pereira, criado do infante D. Fernando, pae de D. Manuel, e de sua mulher D. Simoa Tavares, e neta de um criado do infante D. João, irmão d'el-rei D. Duarte, porém Soror Anna Maria do Amor Divino, freira d'aquelle convento que morreu já no presente seculo, nas suas *Memorias* em continuação do *Tratado da Fundação do Convento, da Abbadessa Sor Leonor de S. João*, de que fala Raczyński, segue opinião diversa. Diz ella que vira uma memoria manuscrita de Peixoto, notavel genealogico, onde se dizia que Justa Rodrigues era filha de Pedr'alvares Pereira, e de Iria Gonçalves, natural de Elvas, o qual era neto de outro Pedr'alvares, irmão do condestavel e que viveu em Castella, d'onde se reconhece o parentesco com o condestavel a que se refere o chronista Belem.

Seja como fôr, o facto é que D. João Manuel, bispo da Guarda, filho natural d'el-rei D. Duarte e de uma gentil dama da sua corte, não se resignando completamente ao celibato, o que succedia á maior parte do clero portuguez então, como consta das cartas de legitimação, agradeceu-se de Justa Rodrigues, e taes artes teve, que a fez mãe por duas vezes. Teve primeiro a D. João Manuel, que falleceu estando em companhia de sua mãe, em Castella, como embaixador d'el-rei D. Manuel para pedir a mão da infanta D. Maria, que foi segunda mulher d'este monarcha, e D. Nuno Manuel, guarda-mór e almotacé-mór de D. Manuel, senhor de Salvaterra e outras terras, e tronco de muitas familias illustres. Foi provavelmente quando creava este segundo filho, que D. Manuel nasceu, e Nuno Cardoso Pereira, irmão de Justa, creado do infante D. Fernando, obteve que sua irmã tivesse a honra de amamentar o futuro rei afortunado.

Depois d'isso Justa Rodrigues emendando as fraquezas, desculpáveis em tal epocha e com taes circumstancias, que tinham manchado a sua mocidade, levou uma vida exemplar.

Devia ter os seus 40 a 42 annos quando entrou em cuidados de fundar uma casa religiosa, onde acabasse seus dias. Residia em Setubal então, sede da corte por muitas vezes, durante o reinado de D. João II. O monarcha, e o seu creado D. Manuel, protegeram os desejos de Justa e tendo o papa Innocencio VIII concedido os necessarios breves para a fundação da casa, D. João II deu para isso a competente licença.

Logo a 17 de agosto de 1490 ou 22 de agosto de 1489 foi lançada a primeira pedra nos seus fundamentos, pelo bispo de Ceuta D. Justo, segundo uns, ou D. Diogo Hortiz, confessor d'el-rei, segundo outros (o que não vale agora a pena averiguar), assistindo D. João II e muita nobreza.

Começaram logo as obras com rapidez, e já se achavam muito adiantadas, quando em 1491 D. João II vindo a Setubal e achando o edificio acanhado mandou, segundo dizem, desfazer o que se achava começado e dar maior amplidão e capacidade á igreja conforme um modelo em madeira que fizera mestre Boytaca.

E comtudo, e ainda apesar d'isso o tecto da igreja era de madeira, sendo D. Manuel quem depois a mandou reformar e concluir, toda de pedra como hoje se vê.

### II

Apesar do que se tem escripto, não é provado quem desse o risco para o edificio, nem isso é muito importante, visto que elle foi alterado por diferentes vezes, como acabamos de ver, de fórma que no fim de todas as alterações, já não se devia parecer com a primeira fabrica.

Comtudo como se attribue o seu definitivo modello a mestre Boytaca aceitaremos essa tradição sem a affirmar nem negar.

E' ha muito sabido que durante a idade média, havia pela Allemanha, França, Inglaterra, Italia, etc., a associação dos livres-pedreiros, fóco dos artistas que eram empregados nas diferentes partes onde d'elles se carecia; que varios frades eram os auctores dos projectos de muitos dos edificios medievaes que hoje admiramos, e que no nosso paiz não só frades, mas particulares, organisavam os riscos de varias obras de arte, ao que ainda ha pouco o nosso periodico se referiu (pag. 196).

O facto é que mestre Boytaca tinha trabalhado n'aquella obra antes de 1498. Se veiu chamado de Italia por D. João II, como diz a abbadessa Sor Leonor e o padre Belem, para construir aquella obra; se veiu antes d'ella começar, se veiu depois d'ella principiada não se póde affirmar, e até alguns tem negado que elle fosse estrangeiro.

Por vir agora um pouco a proposito completaremos, bem que rapidamente, o que apenas em nota ao artigo do nosso intelligente collaborador Abel Accacio, *Architectos da Batalha e dos Jeronymos*, dissemos a correr.

A existencia de Boytaca em Portugal é-nos revelada a primeira vez pela carta regia de D. Manuel de 26 de março de 1498, na qual se diz que «havendo respeito aos serviços que nos tem feito nos feitos de seu officio e bem assim na obra do mosteiro de Jesus de Setubal, que ahi mandou fazer Justa Rodrigues, minha ama, que nol'õ por elle pediu» lhe faz mercê da tença de 8:000 reaes por anno, desde o 1.º de janeiro de 1499 em diante; *da qual tença elle tinha um nosso alvará porque nos aprouve que tanto que casasse a houvesse, e sem embargo de ainda não ser casado, por lhe fazer mercê nos prouve que a houvesse etc.*

Logo antes de 1498 já tinha feito serviços ao rei pelo seu officio, e tambem os havia feito no convento de Jesus de Setubal, por elles lhe havia já concedido o rei uma tença de 8:000 reaes para gosar logo que houvesse casado, a qual, não obstante não ser ainda cumprida a clausula, por pedido da ama o rei lhe manda dar.

Por outra carta de D. Manuel de 5 de janeiro de 1511 (que por erro typographico não advertido a tempo se imprimiu 1502 na referida pagina 196) é confirmado um assignado do Conde de Borba, governador d'Arzilla, que o fez cavalleiro pelos serviços de guerra ali praticados. Quando esteve Boytaca em Arzilla, e quando prestou esses serviços? O documento nol'õ indica.

Depois de dizer a carta que elle apresentára um assignado do Conde de Borba porque o fez cavalleiro polo elle merecer, «nas cousas em que nos serviu o tempo que lá esteve,» acrescenta «pedindonos que lhe concedessemos e outorgassemos os privilegios e liberdades... e vendo nós como elle é pessoa que merece toda a mercê que lhe fizermos por nos ter muito bem servido *na dita villa e em tal tempo...*» Que tempo foi este em que houve mister, na praça de Arzilla, não só o serviço dos homens d'armas, mas que o operario abandonasse os instrumentos do seu officio para acudir ás armas? E que importancia foi a d'esses serviços para merecerem tanto reconhecimento e encomio?

(Continua)

BRITO REBELLO.

## PONTE CAES NA CIDADE DA PRAIA

### ILHA DE S. THIAGO

Quando, em 1860, o nobre visconde de S. Januario, encarregado de dirigir as obras publicas da provincia de Cabo Verde, teve occasião de conhecer e estudar o porto da Praia na ilha de S. Thiago, uma das necessidades que elle para logo reconheceu urgente remediar de prompto foi a da construcção d'um caes que permittisse facil communicação da terra com os navios fundeados na bahia.

De todas as que formam o archipelago cabo verdeano, a ilha de S. Thiago é a maior, a mais importante e a mais rica, mercê da sua producção agricola. E' n'ella tambem que se acha estabelecida a capital da provincia. Por isso, á intelligente iniciativa d'aquelle zeloso funcionario não podia escapar a execucao de um melhoramento — unico que o porto da Praia ficou possuindo — que ao tempo em que foi levado a effeito devia satisfazer razoavelmente ás necessidades do commercio local, ao passo que obviava ás difficuldades e até aos perigos que antes da sua realisacão offerciam as communicações da terra para o mar e vice-versa. Tal é a origem do caes que sobre uma resinga de rocha então se construiu, acompanhado de um limitado quebramar, formando uma pequena bacia de resguardo.

Foram, porém, e pouco a pouco mudando as condições da ilha. As suas faculdades productivas tomaram maior incremento; cresceu por isso tambem o movimento de importação e exportação, e com o desenvolvimento ininterrupto, ainda que lento, da agricultura, da industria e do commercio, novas necessidades se formaram e maiores se tornaram as exigencias a que foi forçoso attender.

Depois, o tempo e a natureza faziam alli tambem seu natural officio.

Na bahia do ancoradouro, limitada pelas duas pontas conhecidas pelos nomes de *Temerosa* e das *Bicudas* o regimen das aguas é extravagante. Toda a orla maritima que se estende de uma a outra ponta é violentamente açoitada de *maresta*, designação local dada aos grandes rolos de mar. Alterosas vagas galgando o molhe do caes algavam a plataforma superior, deslocavam e derruam a cantaria do revestimento com seu continuo e furioso embate, ao passo que iam levantando grandes ondulações na bacia interior. O accesso ao caes cada vez pois se ia tornando mais difficil, e nem o esperar o jazigo da vaga, nem todos os cuidados, nem sempre conciliaveis com os prejuizos da demora, evitavam a frequencia de sinistros, origem de grandes perdas e de incalculaveis prejuizos para o commercio.

Que a tanto transtorno se ajunte ainda o risco a que sujeitavam as vidas os que se afoitavam a embarcar e desembarcar em taes condições, e ter-se-ha formado ideia do que era o primeiro porto de commercio d'uma das nossas mais ricas e mais florescentes possessões ultramarinas.

Era, por outro lado, avultada já a despeza que as frequentes reparações d'esta já agora insufficiente obra provocavam na provincia, sem contar o custeamento annual da sua conservacão, e o que sa despendia na desobstrucção da bacia de resguardo de continuo invadida por grandes massas d'arêa, que de envolta com uma enorme quantidade de pedras de diversas grandezas, obediendo á acção dos ventos reinantes e á poderosa arrebentação do mar n'aquelle local, a iam pouco a pouco entulhando e, principalmente na maré baixa, cada vez mais difficultando o accesso á terra.

Por esta rapida descripção se poderá facilmente avaliar da immensa utilidade e oportunidade da obra que foi projectada e levada a effeito sob a immediata direcção do director das obras publicas da provincia, Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro. O projecto e orçamento, na importancia de 270:000 réis precedendo parecer favoravel

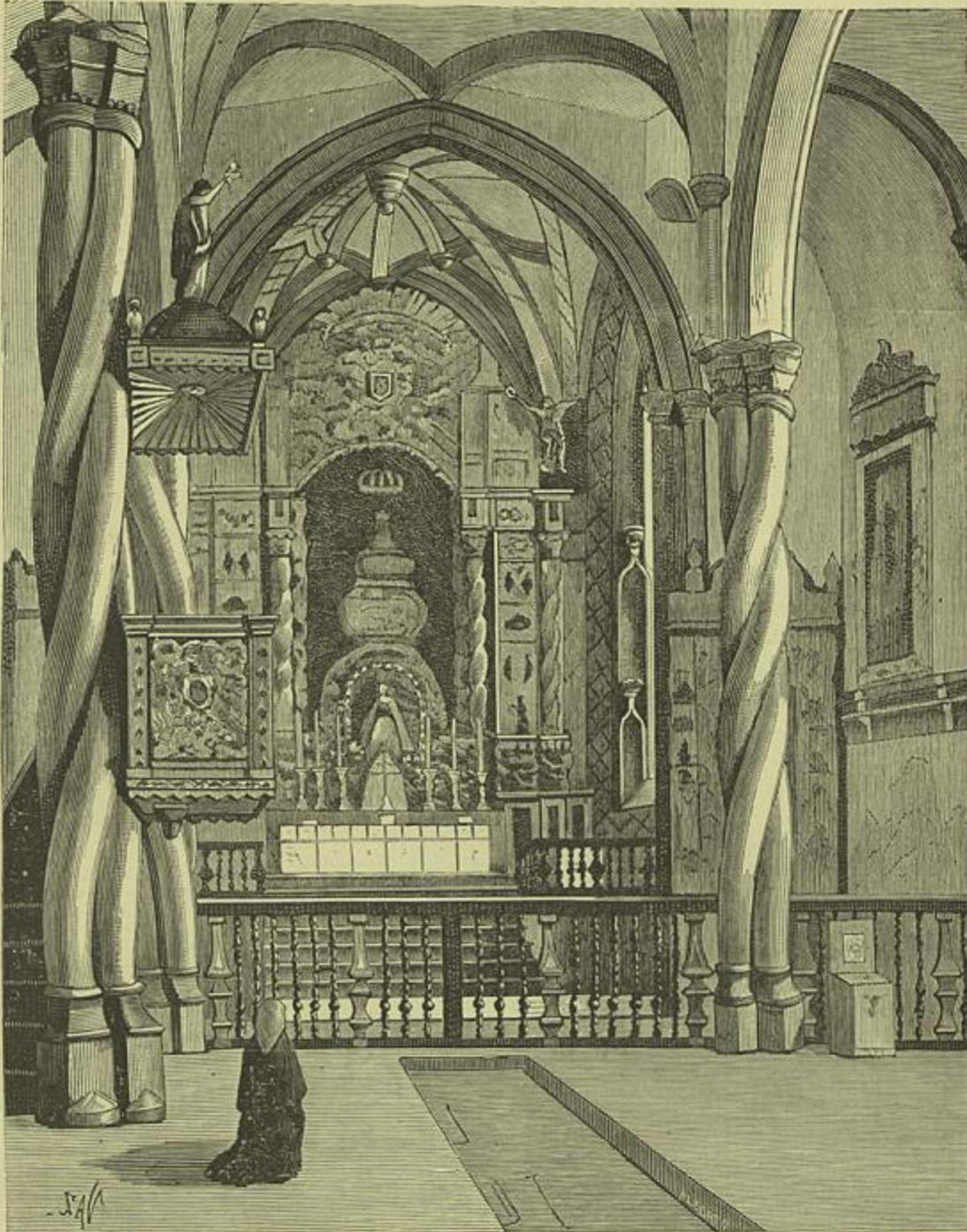
da Junta Consultiva das obras Publicas do Reino, foram approvados pelo governo, e os trabalhos executados no periodo decorrido de julho de 1878 a agosto de 1880.

A ponte-caes entra pelo mar n'uma extensão de 120 metros, contados da linha exterior ao encontro de cantaria. E' formada de quatorze estacadas solidamente reforçadas, sendo o encontro junto á orla do mar construido de alvenaria hydraulica revestida de cantaria sobre um embasamento de beton. São duplas as estacadas compostas de duas linhas de seis estacas cada uma, feitas de excellentes toros de cipo preto da Guiné, o que equivale a dizer que são columnas de bom ferro, ligadas entre si horizontalmente na linha de etiaje, ou das mais baixas aguas. A ligação no sentido vertical é feita por meio das cruces de Santo André. As estacadas são superiormente ligadas por cavilhas reforçadas a quatro peças longitudinaes (aldramas), sobre as quaes assentam as submadres do vigaamento. A ligação d'estas com as estacadas é fortalecida por meio de escoras e travessas formando systema.

A altura do taboleiro sobre o nivel das mais baixas aguas é de 4<sup>m</sup>,50, e a maior amplitude das marés nas sygias dos equinoecios de 1<sup>m</sup>,90.

A ponte tem a largura uniforme de 6 metros, comprehendendo os dois passeios lateraes, e termina por uma plataforma espaçosa armada em T simples, que mede uma área de 208 metros quadrados.

Visa a dois fins a extensão fixada a esta ponte: — o primeiro, obter uma altura d'agua que permita facil e seguro accesso em todas as marés; o segundo, conseguir que a plataforma extrema com as duas bacias de resguardo esteja fóra da linha da



SETUBAL — VISTA INTERIOR DA EGREJA DO CONVENTO DE JESUS (Desenho do natural por João Vaz)

maior arrebenção do mar.

Presta-se a largura da ponte ao assentamento de rails em duas vias desde a plataforma extrema até o pateo interior do novo edificio da Alfandega, n'uma extensão de 200<sup>m</sup> aproximadamente.

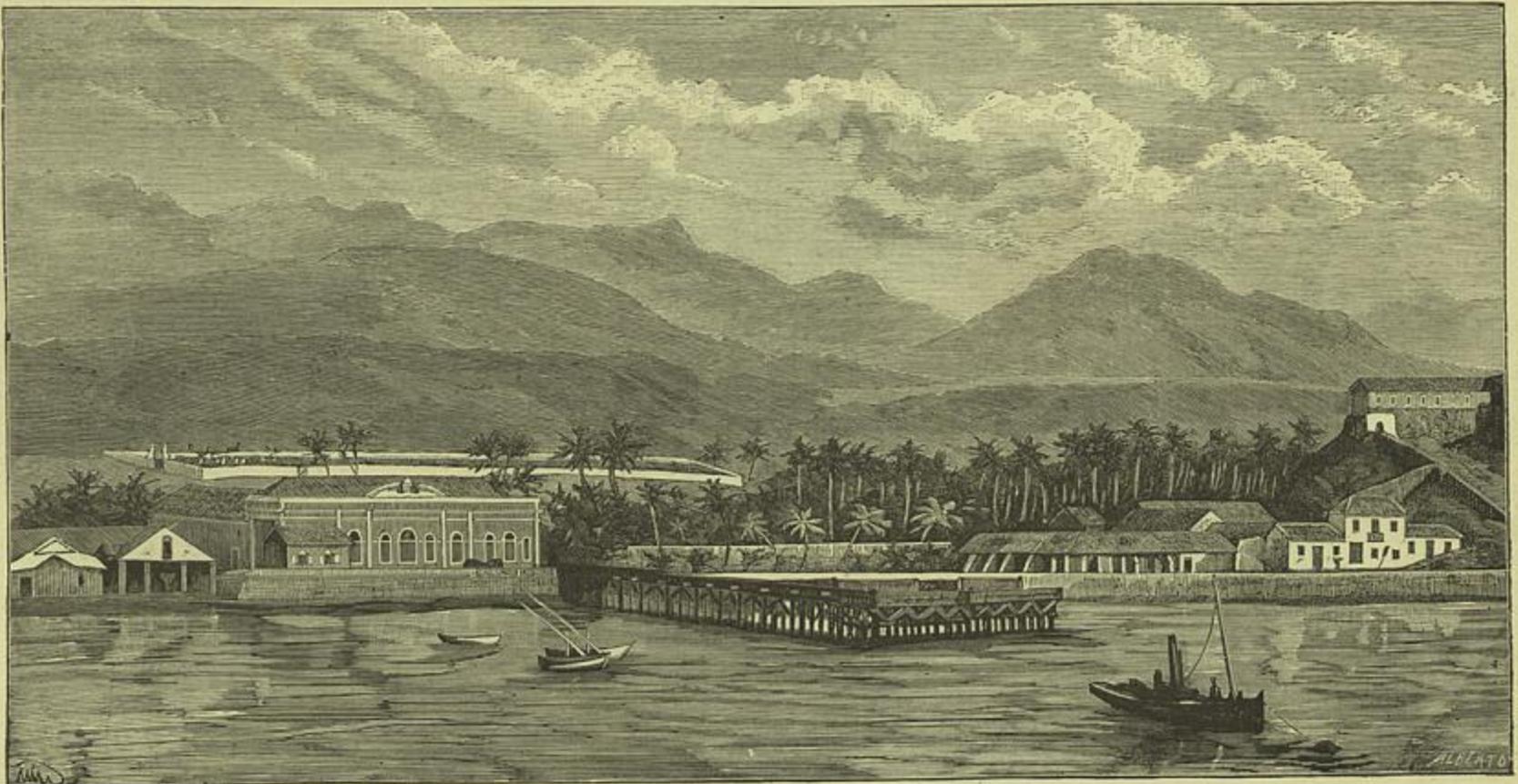
Um guindaste de systema moderno, de equilibrio constante e contrapeso authomotor, move d'um a outro extremo da plataforma, fará o serviço da carga e descarga dos volumes.

A cada uma das bacias de resguardo corresponde uma escada suavisima em dois lanços, solidamente construidos, dos quaes os inferiores tem os degraus forrados de folha de cobre. Esses lanços descem ao nivel da mais baixa maré. Junto ás escadas a altura da agua na baixa-mar é de 3<sup>m</sup>,90.

É esta tão excellente quanto elegante obra que a nossa gravura hoje representa. A sua inauguração verificou-se no dia 15 de agosto de 1880, recebendo o nome do sabio e honrado navegador portuguez «Infante D. Henrique.»

Associando a memoria d'esse vulto de grandeza épica, que é sem duvida uma das maiores glorias do velho Portugal, a obra de maior utilidade que hoje possui a nossa rica provincia de Cabo Verde, obra que foi, por que assim o digamos, como que o despertar do vergonhoso sonho de inercia de que tornámos victima o nosso immenso patrimonio colonial, quiz o distincto engenheiro, que d'essa obra foi auctor e executor benemerito provar que não esmoreca longe da patria o sentimento da sua passada grandeza, quando á intelligencia, á nobreza de alma e á perseverança no cumprimento do dever se allia a inspiração do patriota, alimentada ás fontes mesmas da grandeza patria.

B.



AFRICA PORTUGUEZA — CABO VERDE — PONTE CAES NA CIDADE DA PRAIA (Segundo uma photographia de Beaumont)

SUPPLEMENTO AO N.º 99 DO OCCIDENTE

21 DE SETEMBRO DE 1881

PORTUGAL PITTORESCO



GADO PASSANDO O RIO — SCENAS DO RIBATEJO

DESSENHO DE MANUEL DE MACEDO — GRAVURA DE ALBERTO

Impresso por Lallemand Frères.

(De uma photographia do Sr. Carlos Hevia)



LISBOA — ESTADO ACTUAL DAS OBRAS DA AVENIDA DA LIBERDADE (Desenhos do natural por Antonio Ramalho)

## MELHORAMENTOS DA CAPITAL

## AVENIDA DA LIBERDADE

Lisboa, a nossa formosa capital, assente n'uma posição que invejam grande numero das principaes cidades da Europa, recostando-se por uma area extensa de terreno que se desdobra em valles fundos, e cabeços elevados, donde se gosam panoramas magnificos de variados aspectos; Lisboa, a cidade que no mundo facilmente das outras é princeza, como diz o nosso Camões, debruçada sobre as aguas pujantes do formoso Tejo, onde se espelha garrida e descuidada, deve toda a sua belleza e importancia, antes á sua admiravel posição no ponto mais occidental da Europa e n'um dos melhores portos do mundo, do que ao trabalho dos seus naturaes.

Ha poucos annos ainda a desigualdade e descommo das suas ruas, era proverbial na Europa, e as novas idades, nada mais tinham corrigido á sua antiga irregularidade, senão os grandes melhoramentos e reformas que o terremoto de 1755 fez romper do genio poderoso do Marquez de Pombal.

Desde o grande homem para cá, em cem annos apenas se fez o aterro da Boavista, importante melhoramento mas incompleto e acanhado e uma ou outra rua ou largo.

Em 1870, sendo ministro das obras publicas o sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avilla (conde de Valbom), foi por elle iniciado um projecto grandioso de um boulevard do Passeio Publico do Rocio ao Campo Grande, o que determinaria outras obras importantes aos lados d'aquella grande arteria. Infortunadamente as alterações politicas que promoveram a queda do gabinete de que fazia parte aquelle estadista, impediram a realisação d'aquelle projecto. Pode

porém a justiça que se faça remontar áquelle ministro a idea inicial d'este melhoramento.

Tudo ficou em projecto e ninguem mais tivera o arrojo de dar á execução aquelle plano, quando em 1879 o sr. José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da Camara Municipal, propoz á municipalidade a abertura de uma via pouco mais ou menos na direcção indicada no plano d'aquelle estadista, mas em menores proporções.

Feito o projecto e aprovado o plano, foram inaugurados os trabalhos a 24 d'agosto d'aquelle anno, pela demolição do antigo theatro do Salitre (Variedades), como se pode ver a pag. 138 e 140 do nosso 2.º volume, começando os trabalhos de movimentos de terra a 22 de outubro immediato.

Deu-se a essa nova via, que como se vê da planta a pag. 216 começa no antigo passeio do Rocio, o nome de Avenida da Liberdade. Tem de largura 89m,50 terminando n'uma rotunda de 100m de raio, junto ao quartel de Valle do Pereiro.

D'essa rotunda partem symetricamente quatro ruas, sendo uma d'ellas a Avenida do Campo Grande. Varias outras ruas parallelas ou perpendiculares á avenida completarão essa rede de communicações, como a planta indica.

As linhas ponteadas mostram as antigas ruas e travessas, que hão de desaparecer quando as construcções estiverem concluidas. Como ainda o não estão, não deixaremos de dizer com Victor Hugo alguma cousa contra os angulos rectos. Estes são muito convenientes para a construcção e belleza das obras, mas para as communicações mais rapidas e perfectas não se devem desprezar as diagonaes, o que lembramos, porque só quem anda muito a pé sabe dar o valor a essa necessidade.

A obra da Avenida foi orçada em 475 contos de réis, excluidas as expropriações. D'estas, as que se acham já

contractadas e realisadas, todas amigavelmente, importaram em 191 contos de réis, e as que devem realizar-se importarão em 200 contos, pouco mais ou menos.

Entre as obras complementares d'esse novo bairro avulta um mercado vasto e proprio de uma grande capital, o qual embora hoje fique fóra do foco da povoação mais densa, deve em futuro pouco remoto assumir toda a sua importancia, attenta a sua posição no ponto mais central da cidade, e em terreno onde se lhe podem dar á vontade todas as condições e vantagens que a moderna sciencia exige.

A nossa opinião é que em projectos d'esta ordem se deve olhar ao futuro e não ao presente.

Os trabalhos já hoje executados em demolições, attoros, muros de suporte e de vedação, tem importado em 36 contos de réis, e estão sendo dirigidos pelo engenheiro o sr. Antonio Maria d'Avellar.

Deve-se pois ao sr. Rosa Araujo, e ás municipalidades que tem gerido os negocios municipaes d'esde 1879, uma das obras mais importantes da capital que se completará com o Bairro Camões anexo, inaugurado a 11 de junho de 1880 por occasião dos festejos do centenário do nosso epico e a que nos referimos no nosso n.º 62 d'esse anno.

R.

## O NOSSO SUPPLEMENTO

## GADO PASSANDO O RIO—SCENAS DO RIBATEJO

Esta gravura é a reproducção d'uma photographia do sr. Carlos Relvas.

Em arte a photographia tem um logar limitadissimo. Este meio material e mechanico de

Sentiu no seu intimo que era tolo e envergonhando-se de a tal respeito consultar extranhos, passou a confidenciar com a mulher, ás noutes, no conchego do lar, depois da porta bem trancada e de haver mandado deitar o marçano, que de ordinario dormia em pé á moda dos elephantes.

Nunca maritalmente Antonio Dourado estragou mais prosa com a sua metade.

E' que essa metade representava para elle agora o grande auxiliar da sua obra: a conquista das sympathias de D. Monica.

Obtido tal desideratum estava tudo feito.

A mulher era como que n'essas circumstancias a gazua que devia abrir-lhe de par em par as portas da casa que elle projectava assaltar legalmente, por modo que ninguem lhe podesse chamar ladrão.

Porque elle sentia uma sêde insaciavel de dinheiro, e ali havia muito milho, um capital morto, uma fortuna incalculavel, accumulada nas profundidades improductivas de algum cofre de ferro á prova de fogo!

Chegava n'esses momentos a mulher a si, e cochichava umas phrases escandescentes de cubiça, procurando fascinal-a com a sonhada perspectiva de umas riquezas orientaes.

— Olha, se ella nos fizesse o testamento, faziamos de nossa filha uma princeza. Outras de mais baixo teem subido ao solio regio.

Depois, como lhe parecessem muito estupidas as espantosas incredulidades da mulher, elle insistia ainda procurando commovel-a.

— Que pena, que dôr de alma, que ferro immenso, se um dia fosse toda aquella fortuna parar ao Estado, por falta de testamento, uma cousa tão simples, tão precisa, que toda a gente faz.

Chegava a sentir suores, abafava de emoção, Uma fortuna que podia fazer tanta gente feliz!

Ainda se o Estado matasse o deficit á nação e o bicho dos impostos ao contribuinte, vá, que elle tambem era patriota e gostava que as cousas andassem direitas.

Mas assim não, enfurecia-se, dava por paus e por pedras.

O Estado a final era constituído por um bando de golosos, orçamenteiros esfaimados que não se fartavam nunca de comer.

N'essas circumstancias ir-lhes cahir no papo uma fortunasinha tão bonita, era mesmo uma dôr de alma, um grandissimo desaforo.

Com a breca, elle tambem sabia cortar pelo direito.

N'esses casos os naturaes herdeiros dos ricos deviam de ser os pobres: as escolas, os asylos, os estabelecimentos de caridade, emfim os milhares de espoliados que tudo produzem e nada possuem.

O Estado não, porque para o Estado pagava elle, e trabalhavam todos.

## SAPATOS DE DEFUNCTO

## I

Era já idosa mas jovial. Chamava-se Monica. Apparentava certo ar de independencia e quietação que o dinheiro dá aos dilectos da fortuna. Havia no seu todo o quer que era de solemne e de paternal.

Dizia-se que tinha fortuna, mais: calculava-se e precisava-se a importancia do seu capital em propriedades rusticas e urbanas, e optimas inscripções de assentamento da Junta do Credito Publico.

Mais nada!

D'ahi a veneração das turbas.

Todos traziam D. Monica nas palminhas, coisa naturalissima.

Cada visinho era um criado seu, criado submisso, prestante, desinteressado a mais não ser, mesmo porque nenhum d'elles se gabou nunca de lhe ter visto as cruces ao dinheiro.

Certo sentimento de delicadeza inhibia-os, coitados, de descerem por motuo proprio a essas minudencias pequeninas e ridiculas, de um positivismo réles e pelintra.

Pela sua parte a feliz senhora, alvo e objecto de tamanhas e tão singulares attentões, trazia-os a todos elles, sempre no coração, e estragava com uma prodigalidade notavel, no elogio de tão excellentes pessoas, muito boas palavras, as suas melhores palavras de reconhecimento e de sincera amizade.

Assim viviam elles e D. Monica, ao começar do anno passado, na mais brilhante harmonia, no seu bairro, na sua rua, na sua casa, — como Deus com os anjos.

Nenhum mau sentimento de inveja, nenhuma ideia occulta de ambiciosa perversidade, entrara até ali no cerebro d'aquella gente, cuja pobreza de espirito como que servira de preservativo ás negras tentações do Satan maldito.

Nenhuma!

Um dia porém, quiz o destino que o mercieiro Antonio Dourado, regedor em todas as situações da politica do seu paiz, da qual elle se gabava de não entender menos do que dos seus chouriços, em cuja salga era de facto uma celebridade — quiz o destino, diziamos, que Antonio Dourado tivesse uma ideia e que essa ideia tivesse por objectivo a cubiça dos bens alheios.

El'e era visinho de D. Monica, visinho de escada, de ao pé da porta.

Sabia que ella se gozava regaladamente das suas rendas, com muito folego de abastança, sósinha com a criada, sem mais parentes nem adherentes, de sorte que estava mesmo aguçando o apetite aos golosos dos bens alheios, um bando de ociosos especuladores cujo parasitismo sabe de ordinario tirar da morte mais proventos que o proprio cangalheiro!

E como sabia isto, arreliviava-se comsigo e com o seu balcão, dava-lhe murros, porque no fim de contas elle não tinha menos direito que os demais á posse de uma boa herança.

Merecimentos tambem não tinha menos.

Não senhor.

Viera da terra, ha quinze annos, com as mãos a abanar, e um pedaço de broa dura, e com isto começara a vida trabalhando, sem offensa de ninguem, como um burro.

A principio levára vida de negro e comera o pão que o diabo amassou, mas ao depois, foi-se emancipando pouco a pouco, foi abrindo os olhos, e quando já era caixeiro, as suas economias chegaram-lhe para adquirir algumas leiras na terra, estabelecer-se afinal e por ultimo emprestar ao proprio patrão dinheiro, que por tal signal nunca o desgraçado poude pagar.

Cabeças!...

Se alguém por ahi com melhores barbas tivesse mais merecimentos do que elle, para levar a agua ao seu moinho, quer n'umas eleições, quer no manejo da mercearia, que se apresentasse.

Sim que se apresentasse...

Elle gostava de o conhecer!

Farroncas tinha visto muitas, obras é que se queriam, mas sem basofia, porque afinal Antonio Dourado, era o que era e ninguem tinha nada que lhe dizer.

Ora essa, quanto possuia custára-lhe bagas de suor, não estava devendo nada a ninguem; era o resultado da accumulção do capital, era emfim o seu rico dinheiro!

Quando a gente chega á posição de ser alguma cousa, deve ter conhecimento de si, e saber-se gozar.

Gozar sabia elle, e com juizo!

Casou logo que poude com uma moça que tinha mais toucinho, que o melhor cevado da sua terra, mocetona que valia os olhos da cara.

Aquillo era o que ali estava, o que a cepa dera, são e pura como um pero, cousa de lavar e durar, mulher de trabalho como elle, mulher para fazer casa.

Logo, que menos merecimentos tinha do que os demais golosos que andavam com o cheiro na fortuna de D. Monica?!

Eis a interrogação tremenda, uma especie de gancho em braza em que andava dependurada a sua cubiça, e lhe estrangulava muitas vezes na garganta um conceito que até então nunca se atrevera de formular a seu respeito: era um pedaço de asno!

## II

Um grande pedaço de asno, elle.

Antonio Dourado sentiu isto na consciencia, quero dizer, no seu intimo.

Nada de lhe melindrar a memoria...

Em verdade, a respeito de consciencia, elle nunca soube bem o que isso era.

obter a imagem nitida d'um objecto que temos na nossa frente, apenas pelo intermedio d'uma lente, d'uma camera escura e d'um corpo sensível onde a luz influe directamente, pouca expressão artistica pôde ter, e nada quer dizer no mundo do pensamento, da alma, da poesia emfim. Mas a perfeição d'esses processos materiaes levados ao grau em que nol-os mostra o sr. Carlos Relvas, é digna de ser admirada e de ser applaudida. O estudo e a intelligencia auxiliam-n'o tanto nas suas provas, que parece muitas vezes que o photographo influio tambem com o seu sentimento artistico, com o seu grande enthusiasmo pela natureza, n'esta copia material e insensível.

E' especialmente nas photographias de paisagens que o sr. Relvas mais tem merecido a sua reputação. A gravura que hoje apparece é uma prova d'isto mesmo.

O photographo sabe com um fino gosto procurar o trecho da natureza que mais lhe convém para o seu album. Espera o momento proprio, como um pintor compondo a sua tela, espera que a scena tenha todos os accessorios que formam um conjuncto admiravel, deixa-a impregnar d'uma boa luz, e recebe no cliché esse pequenino quadro, encantador e risonho.

Isto preocupava-o muito, e a mulher por lhe ser agradável, emfim para que elle não lhe atormentasse mais o bicho do ouvido, tirou-se dos seus cuidados, e, mal encontrou ló, metteu-se em casa de D. Monica, e foi como pedra que cae em poço, nunca mais de lá sahio: era de noute, era de dia, era a toda a hora.

O marido, na loja, esfregava as mãos de contente, e á noute, quando ambos se juntavam, discutia-se o relatório das operações do dia.

Quasi sempre esse relatório trazia ao mercceiro o objecto de uma nova esperança, mas todas essas esperanças somadas entre si, deram por final um saldo inesperadamente desanimador.

E' que a mulher depois de ter esquadrinhado tudo em casa de D. Monica, foi deparar no quarto da cama, atraz de uma porta, com um pequeno escripto que dizia assim, em letra garrafal:

*Se eu tiver alguma cousa séria mandem chamar o sr. conego Salgado.*

Que tal?!

Os dois esposos encararam-se por momentos com umas caras espalmadas e alvares que exprimiam estupidamente, de um modo assustado e comico a mais extraordinaria surpresa.

Tinham encontrado a final *mouro na costa*.

As orelhas do mercceiro estavam da cór do açafrao, o olhar tinha o quer que era de sinistro, as fossas latejantes mostravam em sua concavidade uns pequenos cabellos retezados, hirtos.

Elle tinha cabellino na venta.

Na verdade os seus calculos complicavam-se-lhe um pouco.

Presentira isso.

Aquelle maldito conego era uma espinha que se lhe atravessára na garganta; a elle e á mulher, parte interessada no ardiloso conluio que haviam concertado.

Estavam embuchados.

Como sahir d'este apuro?

Vejamos.

### III

Primeiro que tudo e acima de tudo tornava-se inadeavel e urgente a imperiosa conveniencia de saber a final quem era o conego Salgado.

D'esde que os dois esposos se haviam introduzido surrateira e velhacamente em casa de D. Monica, nunca lá o tinham visto.

Logo, que diabo de intimidade poderia haver entre os dois, quando nem sequer se visitavam?

Era celebre!

Pela sua parte, o mercceiro, não se cançava de repetir, acompanhando a phrase de certo jogo physionomico apropriado ás circumstancias:

— Aqui ha cousa!

Faltou-lhe a cór e faltou-lhe o sentimento. Mas o photographo é tão distincto que parece dispensar estes dois poderosos elementos, e, como na paisagem que hoje vemos, os aspectos do céu, a leveza d'estes ares, os telhados que espreitam, enterrados em montes de verdura, os salgueiros que se erguem e que rendilham o azul da abobada, a manada colhida em flagrante, a transparencia crystallina das aguas, a vida das figuras, o guardador que espera que os bois passem, as lavadeiras que torsem a roupa, tudo isto que encanta e que attrahe, faz-nos esquecer que admiramos uma copia de photographia para vermos o esboço d'uma paisagem de Silva Porto.

Na escolha do *assumplo* o sr. Relvas tem todo o estofado d'um verdadeiro pintor. A paisagem sedul-o especialmente. E' d'isso uma prova bem frisante esta gravura.

E vejam com que arte essa photographia foi colhida. Não ha uma figura que não tenha a sua *pose* natural. Todas mostram uma necessidade da sua posição, todos *estão bem*, sem artificio, sem o aspecto d'uma collocação escolhida. Não podiam estar d'outra forma...

O trecho encontrado é primoroso. Os ares são limpos e frescos, no arvoredo ha uma leveza ex-

E a mulher confirmava.

Logo eram certos os touros: quando as mulheres estão de accordo com alguma opinião do marido, é porque essa opinião é irrefutavel e tem muita força, a força esmagadora de todas as contradicções, pois de ordinario a mulher é systematicamente a anthithese do homem, a contradicção de tudo que elle diz, e por ultimo a contradicção de si mesma, só pelo prazer que lhe dá o nunca saber-se ao certo o que ella pensa, ou se alguma vez pensou!

Antonio Dourado admirava-se de si mesmo. Elles haviam exercido sobre tudo que respeitava a D. Monica a mais rigorosa espionagem.

Nada escapara á sua vigilancia activa, ao seu olhar de lynce. Em pouco mais de dois mezes haviam-se-lhe tornado familiares os mais insignificantes pormenores da vida d'aquella senhora, quer na intimidade da familia, quer nas suas relações externas.

Conhecia já como aos seus dedos todas as pessoas que a visitavam com mais frequencia, pois não se poupára para isso, aos mais singulares e exquesitos inqueritos.

Além d'estas observações, tinha-lhe estudado tambem o genio, para que elle e a mulher estabelecessem a sua linha de proceder, adoptando a sua maneira de pensar ás conveniencias de occasião, a fim de não incorrerem nunca no desgosto de D. Monica, por um simples encontro de opiniões, bagatella na verdade de bem pouco apreço ante a perspectiva de uma boa fortuna.

Mais ainda, haviam-se orientado com muita precisão e methodo de todos os valores da casa, como se d'ella tivessem de fazer inventario, a ponto tal de saberem até quantas colheres de prata D. Monica trazia a uso!

Sabiam aonde ella guardava as joias, sabiam aonde ella mettia os papeis de circumstancia, os titulos das propriedades, emfim, os mais apeteçidos valores da sua fortuna, porque elles tudo esquadrinhavam, em tudo mettiam o nariz, palpando bem de perto, calculando com todas as precauções e reservas.

Mas, e era isto que Antonio Dourado não podia levar á paciencia, uma só cousa ignorava, e afinal, essa cousa era a mais capital de todas, a que maiores colicas lhe dava agora, a que mais voltas lhe dava ao miolo, e vinha a ser a rasão occulta d'aquella terrivel bilhete enigmatico, que denunciava a existencia fatidica e importuna do conego Salgado, no transitorio mundo dos vivos.

Horror!

Como são as alegrias d'esta vida traiçoeira e illusoria.

Esbarrar com semelhante incognita ao cabo de tão longas locubrações, era perder metade do caminho trilhado.

E elles a julgarem-se já potencia de pri-

traordinaria, quasi que vemos ondular aquelles chòpos, e a manada de bois entra naturalmente na agua, no grande socego das suas massas.

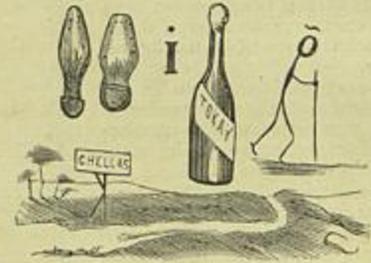
P.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

NOVO MANOMETRO ELECTRICO DE EMILIO DIAS

Já aqui descrevermos, no n.º 81 do OCCIDENTE, de 21 de março de 1881, um instrumento inventado por Emi-

### ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Agua e pão comida de cão.

meira ordem em casa de D. Monica, elles quasi prestes a declararem guerra de exterminio á velha criada que ella distinguia com as suas attentões, elles dispostos já a jogarem a ultima carta, collocando a sua victima, não entre a espada e a parede, mas, entre a tumba e o testamento!

— Que me dizes a isto mulher, que me dizes?

E lembrava n'um esforço supremo de astucia e arte, que a criada havia de saber quem era o conego Salgado.

Ah! inconstancia da sorte. Vão lá fazer mal á conta de que nos venha o bem, elles agora dependiam d'aquella criada.

Era preciso fazer-lhe a bocca doce, dar-lhe alguns presentes, puchar-lhe pela lingua, propor-lhe uma honrosa amnistia.

Antonio Dourado desde que se iniciára na politica eleitoral da sua parochia, familiarisára-se de todo com a intriga para a qual tinha na verdade aptidões especiaes, e, com grandissima desvergonha sua, gabava-se de manejar como ninguem essa arma traiçoeira e terrivel, dirigindo-a com habilidade inexcedível por todos os tortuosos caminhos que ella percorre no seu giro infame, no intuito vil de imporcalhar a reputação alheia.

Mas a criada ja trazia a pedra no sapato e andava com a mulher do mercceiro de candeias ás avessas, e tanto, que elle mais d'uma vez tivera de exercer entre as duas, mui auctoritariamente as suas funções de poder moderador.

O accordo desejado não seria facil!

Tinha dente de coelho o negocio.

Uma semana passou o mercceiro na maior inquietação, folheando todos os cadernos de recenseamento dos bairros de Lisboa, andando pelas administrações a farejar tudo, procurando nas participações de mudança e nas declarações dos proprietarios, qualquer indicação que podesse auxiliá-lo nas suas pesquisas.

Por ultimo, dirigiu-se aos commissariados de policia para lér as partes diarias das hospedarias, e nem lhe escaparam as relações de passageiros no movimento fluvial, nem as repartições da camera ecclesiastica.

Tudo isto porém foi obstinada e fatalmente inutil.

Só lhe faltava pôr um annuncio no *Diario de Noticias*, ou mandar correr editos officiaes, mas a seriedade do caso, não admittia á sua lembrança esses expedientes que poderiam comprometer-o.

O melhor seria dar tempo ao tempo, appellar para o futuro, saber esperar.

Posto isto, Antonio Dourado, resignou-se, obedecendo á força das circumstancias, e ao cansasso resultante das irritabilidades da sua bilis.

(Continua)

LEITE BASTOS.

